

Revista de Literatura, História
e Memória



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 27 - 2020

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 312-325

**LEITE DERRAMADO: UMA REFLEXÃO ACERCA DO
FIM DA NARRATIVA E DO DESCENTRAMENTO DO
SUJEITO MODERNO**

Spilled milk: a reflection about the end of the narrative and
the de-centring of the modern subject

Cristina Allegretti Torii¹

RESUMO: Sob as lembranças confusas e fragmentadas do narrador Eulálio, a obra *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, remete a uma reflexão acerca da derrocada de uma família tradicional brasileira e da situação de um senhor centenário que se encontra internado em um hospital público. Defendemos, neste artigo, que a narrativa desconexa de Eulálio resulta não apenas de sua idade avançada e da mudança social a que o narrador foi submetido ao longo da vida, como também de fenômenos ligados à ascensão da modernidade. Para

fundamentar esta análise, valemo-nos da teoria de Walter Benjamin acerca do declínio da experiência e da extinção da narrativa, bem como do conceito de fragmentação das identidades desenvolvido por Stuart Hall. Procuramos, deste modo, compreender como o diagnóstico referente à supressão da narrativa e ao descentramento do sujeito estão presentes no narrador idealizado por Chico Buarque.

PALAVRAS-CHAVE: *Leite Derramado*; Chico Buarque; Modernidade.

ABSTRACT: Based on the messy and fragmented memories of fictional narrator Eulálio, the work *Spilled Milk* (2009), from Chico Buarque, leads to a reflection about the collapse of a traditional Brazilian family and the situation of a centenary man who finds himself interned in a public hospital. In this work we defend that the disjoint narrative of Eulálio results not only from his advanced age and the social changes he has experienced, but also from events related to the arrival of modernity. This analysis is based on the theory of Walter Benjamin concerning the poverty of experience and the decline of storytelling, as long as the concept of fragmentation of identities developed by Stuart Hall. In this way we try to comprehend how the diagnostic related to the removal of narrative and to de-centring subject are present in the narrator conceived by Chico Buarque.

KEYWORDS: *Spilled Milk*; Chico Buarque; Modernity.

INTRODUÇÃO

A obra *Leite Derramado*, da autoria de Chico Buarque, foi publicada em 2009 e retrata a história de Eulálio Montenegro d'Assumpção, um homem centenário que está internado, à beira da morte, em um hospital público do Rio de Janeiro. O livro está dividido em 23 pequenos capítulos e é um monólogo em que Eulálio narra, de maneira confusa e fragmentada, a sua história, que perpassa o século XX. Suas lembranças também são marcadas pela história de sua família, cujos membros integram a elite brasileira. Ao longo dos anos, sua família foi, gradualmente, perdendo prestígio na sociedade, e as lembranças de Eulálio evidenciam essa decadência. Em suma, o narrador de *Leite Derramado* traz a temática

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e servidora técnico-administrativa da mesma instituição.

da derrocada social de uma família tradicional brasileira, contada confusa e solitariamente no leito de um hospital público.

Pretendemos, à luz das teorias de Walter Benjamin e Stuart Hall, compreender como *Leite Derramado* trata não apenas de abordar a questão da derrocada social da família Assumpção e da temática ligada à senilidade do narrador, como também abordar a desorientação – resultante, nesta análise, do contexto de ascensão da modernidade – do protagonista da narrativa. Segundo Benjamin, o contexto da modernidade, caracterizado pela velocidade da difusão da informação, ocasiona o declínio e extinção da narrativa. A efemeridade do mundo moderno trouxe, segundo o teórico, consequências para a humanidade, colaborando para um prognóstico de desorientação do homem, que culmina na esterilidade da narrativa. Stuart Hall, por sua vez, escrevendo em outro contexto, analisa o declínio das identidades fixas e estáveis na pós-modernidade. Segundo o autor, o processo de globalização produziu um sujeito cuja identidade é fragmentada, contraditória e descentrada – é a transmutação da modernidade fator responsável por este deslocamento. A partir dessas concepções, analisaremos a obra *Leite Derramado*.

Para isso, estruturamos este artigo em 3 seções: na primeira, intitulada “*Leite Derramado*: uma breve apresentação”, apresentaremos, de maneira sucinta, a obra; na segunda, “O declínio da experiência e da narrativa da teoria de Walter Benjamin”, abordaremos a teorização formulada por Walter Benjamin acerca do fim da narrativa; por fim, na terceira seção, “O narrador Eulálio: um diálogo com a teoria benjaminiana”, realizaremos uma análise acerca da ligação entre a narrativa de Eulálio e a ideia de fim da narrativa teorizada por Benjamin. Acrescentaremos, por fim, a contribuição de Stuart Hall para debater a fragmentação da identidade na modernidade, questão que relacionamos às características do protagonista Eulálio. Deste modo, relacionamos *Leite Derramado* como uma obra que alude a uma crítica à aceleração e desorientação próprias da modernidade, focando a discussão no fim da narrativa – teorizada por Benjamin – e no descentramento do sujeito – fundamentado por Hall.

LEITE DERRAMADO: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Leite Derramado é o quarto romance do cantor, compositor e escritor brasileiro Chico Buarque. Publicado em 2009 e vencedor do Prêmio Jabuti 2010 de melhor livro de ficção do ano, a obra retrata a história de Eulálio Montenegro d’Assumpção, um homem centenário que conta, em um extenso monólogo, episódios de sua vida. Eulálio é integrante de uma família

tradicional brasileira que perdeu, ao longo dos anos, prestígio na sociedade. Em sua fala fica evidente sua condição social do passado – o narrador menciona recorrentemente os bens e o patrimônio do passado de sua família. Outra característica marcante das histórias do narrador é que suas memórias são contadas de maneira confusa e fragmentada, ocasionando confusão ao leitor e dificultando a compreensão acerca dos acontecimentos.

Eulálio narra sua história para interlocutores diversos: ora remete-se às enfermeiras; ora à filha; ora aos médicos. Por se tratar de um senhor com mais de 100 anos, na condição enferma em que se encontra, e considerando, também, sua fala fragmentada e confusa, é laborioso, ao leitor, compreender o que é narrado. Em meio aos seus devaneios, é possível depreender algumas características de seu passado: o narrador casou-se; teve uma filha chamada Maria Eulália; um neto chamado Eulálio d'Assumpção Palumba; um bisneto, Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior e um tataraneto, Eulálio d'Assumpção Palumba Neto. Através de suas lembranças pessoais temos a exposição do desmoronamento da família Assumpção. Eulálio nos relata que seus antepassados foram importantes figuras da política brasileira – seu trisavô teria desembarcado no Brasil, segundo seus relatos, com a corte portuguesa; seu avô foi barão do Império; seu pai, um senador da República. Seu tataraneto, por sua vez, é um traficante de drogas para a elite carioca: “do barão negreiro ao baronato do pó, o ciclo se fecha” (GIANNETTI, 2009, n.p). O próprio personagem tem consciência acerca da decadência de sua família e reflete: “Pai rico, filho nobre, neto pobre”. (BUARQUE, 2009, p. 13).

Outra temática recorrente nas recordações de Eulálio é o seu relacionamento com sua esposa, Matilde, que o narrador afirma tê-lo abandonado. O sumiço de Matilde é um mistério não desvendado ao leitor e aparentemente não conhecido pelo narrador, considerando as várias versões que são contadas: afirma-se que Matilde faleceu no parto, que faleceu de tuberculose, que faleceu afogada e, por fim, que faleceu de acidente de carro. Também há a afirmação de que Matilde abandonou Eulálio e a filha ainda lactente. Por fim, o narrador também expõe a existência de uma carta do médico cujo conteúdo revela o paradeiro de Matilde. Eulálio demonstra, assim, uma confusão ao falar da esposa, além de um sentimento de ciúme e obsessão, demonstrando quão insuportável resultou sua vida após o seu desaparecimento. Nesse sentido, o paradeiro de Matilde é mais uma questão que fica sem resposta na obra de Chico Buarque.

Deste modo, é possível, a partir das memórias confusas de Eulálio – contadas, como visto, em forma de zigzague, através de uma fala sinuosa e desarticulada – compreender que *Leite Derramado* traz questões importantes da vida do narrador, permeadas pelo contexto

histórico do Brasil. Ao leitor – cujo papel de organizar as memórias fragmentadas ao longo do livro é essencial –, ficam evidentes a degradação de Eulálio no leito de um hospital público, seu sentimento de abandono, sua confusão mental decorrente da idade, seu amor por Matilde e sua dificuldade de lidar com seu suposto sumiço, bem como a decadência social de sua família, ilustrada com a situação de seus ascendentes e descendentes, que evidenciam a derrocada familiar da geração de seu tataravô à geração de seu tataraneto. A metáfora do leite que derrama – manifestada no título da obra e retomada ao longo dos relatos do narrador – pode ser interpretada como uma analogia relacionada à decadência da família Assumpção e à memória fragmentada de Eulálio. Assim como o leite que se derTrama, a situação social da família de Eulálio e suas inconsistentes memórias podem ser consideradas inconcebíveis de recomposição.

O DECLÍNIO DA EXPERIÊNCIA E DA NARRATIVA NA TEORIA DE WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin, em seus ensaios “Experiência e Pobreza” e “O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, publicados em 1933 e 1936, respectivamente, realiza uma reflexão acerca das mudanças impostas à humanidade, decorrentes da ascensão do período moderno. Imerso no contexto de desesperança que marcou a Europa no início do século XX e às vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o filósofo alemão manifesta sua visão acerca do “empobrecimento” da experiência – para ele, a vivência desmoralizante da guerra encaminhou a ascensão de um modo de vida pautado no individualismo e na incapacidade do homem de trocar experiências.

Debatendo sobre o que ocorreu com a experiência e questionando-se acerca da possibilidade de ainda encontrar pessoas que saibam “narrar algo direito” (BENJAMIN, 2012, p. 123), Benjamin inicia o ensaio “Experiência e Pobreza” mencionando a parábola de um velho que, no momento da morte, revela aos filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam e não encontram vestígios do tesouro. Posteriormente, com a chegada da primavera, as vinhas revelam-se mais produtivas que em outras regiões, e então os filhos compreendem que a mensagem do pai estava baseada em uma experiência: a felicidade não estava no ouro, mas sim no trabalho (BENJAMIN, 2012). Tomando esta parábola como exemplificação, o filósofo afirma:

Sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a

autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. — Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2012, p. 123).

Nesse sentido, Benjamin defende sua teoria acerca do “fim da experiência” fundamentando-se no argumento de que a geração que vivenciou a Primeira Guerra Mundial experimentou uma das mais terríveis experiências da história – segundo o autor, os combatentes voltaram silenciosos dos campos de batalha, mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (BENJAMIN, 2012). As vivências da guerra de trincheiras, da inflação, da fome e da brusca mudança da paisagem – decorrente da destruição da guerra – constituíram, segundo o autor, experiências radicalmente desmoralizantes.

Aliada a essas experiências desmoralizantes, o desenvolvimento da técnica é outro fator que contribuiu para o surgimento do que Benjamin nomeia de “uma forma completamente nova de miséria” (BENJAMIN, 2012, p.124). Segundo o autor, este desenvolvimento sobrepôs-se ao homem e contribuiu para a substituição das relações interpessoais pela relação entre pessoas e o novo ambiente, levando os indivíduos a um estado de mudez (PENNA, 2009). Esta conjuntura revela o surgimento do que o autor denomina de “nova barbárie” (BENJAMIN, 2012, p. 125), cuja principal característica constitui-se na pobreza de experiências transmissíveis:

Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e o “ser humano”, e ficaram saciados e exaustos. Ninguém mais do que eles sente-se atingido pelas palavras de Scheerbart: “Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso. Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. (BENJAMIN, 2012, p. 127).

Posteriormente, no ensaio “O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, publicado em 1936, Benjamin prossegue suas reflexões acerca do fim da

experiência e da ascensão da nova barbárie. O foco do autor, neste ensaio, refere-se ao fenômeno da extinção da arte de narrar, o qual dialoga diretamente com as questões pontuadas em “Experiência e Pobreza” – a pobreza da experiência acomete diretamente a arte de narrar no mundo moderno.

Neste ensaio, Benjamin teoriza que “são cada vez mais raras pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 2012, p. 213). Tal fenômeno decorre, segundo o autor, do fato de que as ações da experiência estão em baixa e devido ao fato de que a sabedoria está em extinção. O surgimento do romance no início do período moderno é, segundo Benjamin, o primeiro indício da morte da narrativa – o romance distingue-se da narrativa, na medida em que nem precede da tradição oral, nem a alimenta. Enquanto o leitor é um solitário, o narrador está sempre acompanhado do ouvinte. O romance desperta, nesse sentido, uma função de interiorização, que difere dos conselhos e do senso prático das narrativas (EWALD, 2008, p. 3,4): o narrador retira da experiência o que ele conta, incorporando as coisas narradas às experiências de seus ouvintes, enquanto o romancista segrega-se. Outro fator responsável pelo declínio da narrativa é a difusão da informação: embora recebamos notícias de todo o mundo, somos, segundo o autor, “pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 2012, p. 214):

O filósofo alemão considera o advento da informação como demonstração da morte da narrativa. Essa forma de ‘Narrativa’ existiu como um meio ‘artesanal’ de comunicação que não resistiu às mudanças da modernidade. Na perspectiva de Benjamin existem incompatibilidades inconciliáveis entre a narrativa e a informação. A primeira oferece reflexão, espanto e nunca se exaure; a segunda surge de forma efêmera e somente tem validade enquanto novidade. Para Benjamin, a short-story aparece como comprovação da sua denúncia em relação à efemeridade do mundo actual. Ela pode ser definida como uma abreviatura da narrativa, um encurtamento necessário mediante a dinâmica do mundo moderno. (OLIVEIRA, 2009, p. 111).

Percebe-se, nesse sentido, a preocupação de Benjamin em explicitar que as transformações do mundo moderno trouxeram consequências para a humanidade. O declínio da experiência, o surgimento do romance e o advento da informação – presentes na época moderna – foram fatores que substancialmente participaram no prognóstico de desorientação do homem, que culmina no declínio da experiência e, conseqüentemente, na infertilidade da narrativa.

O NARRADOR EULÁLIO: UM DIÁLOGO COM A TEORIA BENJAMINIANA

Realizamos, nas seções anteriores, uma breve apresentação da obra *Leite Derramado* e da teoria de Walter Benjamin acerca do declínio da experiência e da narrativa, fenômeno desinente de eventos do período moderno. Nesta seção, pretendemos elaborar um diálogo entre o narrador Eulálio Montenegro d'Assumpção e o fim da narrativa identificado por Benjamin. Como mencionado anteriormente, Eulálio é um homem centenário que se encontra à beira da morte em um hospital público. O narrador fictício de *Leite Derramado* vivencia o período do século XX – deste modo, compartilha do mesmo contexto de Walter Benjamin. Pretendemos, deste modo, compreender o quanto o diagnóstico de Benjamin referente ao declínio da experiência e ao fim da narrativa estão presentes no narrador de Chico Buarque.

Considerando a já evidenciada fragmentação das memórias do narrador da obra que estamos analisando, é possível identificar algumas questões presentes em relação à disfunção da narrativa teorizada por Benjamin: Eulálio é um narrador confuso, que conta, através de lembranças dispersas, diversas versões para os mesmos acontecimentos, causando confusão no leitor que tenta compreender suas histórias. O narrador parece um agonizante moribundo e sua narrativa é caracterizada por uma delirante e por vezes reconhecida confusão mental:

[...] não sei por que você não me alivia a dor. Todo dia a senhora levanta a persiana com bruteza e joga sol no meu rosto. Não sei que graça pode achar dos meus esgares, é uma pontada cada vez que respiro. Às vezes aspiro fundo e encho os pulmões de um ar insuportável, para ter alguns segundos de conforto, expelindo a dor. Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida. Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa sua cara por aqui. Claro, você é a minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. Eu ia mesmo lhe telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis. Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão com você e com o seu filho. (BUARQUE, 2009, p. 06).

Nota-se, nesta passagem, a confusão mental do narrador: o excesso de informações contadas de maneira perturbadora, envolvendo temáticas variadas – o sentimento de dor, a perda de Matilde, o reconhecimento tardio da filha, a presença da televisão ligada constantemente, a ausência de sociabilidade dentro do hospital. Temos, aqui, a ilustração do estilo de narração de Eulálio, caracterizado por pensamentos excessivos, descomedidos e

desconexos. Este excesso de informações nos relatos, narrados desconcertadamente, além de refletir a característica senil do personagem, é reflexo, também, da manifestação detectada por Benjamin. Segundo o autor, uma das características do narrador é o senso prático e sua habilidade em dar conselhos e oferecer informações úteis:

Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, ou também num provérbio ou numa forma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se “dar conselhos” soa hoje como algo antiquado, é porque as experiências estão perdendo a sua comunicabilidade. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando. Para obter essa sugestão, seria necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza sua situação). O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. (BENJAMIN, 2012, p. 216, 217).

Ao longo de suas histórias desconexas, o narrador de *Leite Derramado* rememora as situações da sua vida e lamenta-se constantemente de seu estado, sem demonstrar sabedoria, sem elaborar conselhos. Por se tratar de um monólogo, Eulálio fala sozinho, sem ser ouvido, sem contato físico com outras pessoas, desprovido de credibilidade e da experiência esperada do narrador ideal de Benjamin. Eulálio não apenas é isento da sapiência de um verdadeiro narrador, como também pode ser considerado portador de distúrbio relacionado à senilidade.

Porque todo dia é isso, acordo com o sol na cara, a televisão aos berros, e já compreendi que não estou em Copacabana, foi-se o chalé há mais de meio século. Estou neste hospital infecto, e aí não vai a intenção de ofender os presentes. Não sei quem são vocês, não conheço seus nomes, mal posso virar o pescoço para ver que cara têm. Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opináceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive um berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. (BUARQUE, 2009, p. 16, 17).

Nesse sentido, nota-se, em sua fala, a ausência de contato com os demais pacientes do hospital. Eulálio afirma não os conhecer, não saber seus nomes e desconhecer suas fisionomias. O ambiente é, na fala do narrador, impessoal, e esta questão constitui uma característica importante no prognóstico da decadência da narrativa identificada por

Benjamin, uma vez que a modernidade ocasionou uma deterioração do contato e da comunicação. Ademais, outra importante questão notável no discurso do narrador está ligada à dinâmica acelerada dos acontecimentos, manifestada na presença da televisão e de circunstâncias frenéticas associadas ao mundo moderno:

Daí a eterna impaciência, e adoro ver seus olhos de rapariga rondando a enfermaria: eu, o relógio, a televisão, o celular, eu, a cama do tetraplégico, o soro, a sonda, o velho do Alzheimer, o celular, a televisão, eu, o relógio de novo, e não deu nem um minuto (BUARQUE, 2009, p. 08).

Conforme exposto na seção 2, para Benjamin a narrativa e a informação são incompatíveis. Os narradores genuínos são aqueles que, segundo o autor, recorrem à experiência que passa de pessoa para pessoa. A narrativa oferece, nesse sentido, reflexão; a informação, em contrapartida, é efêmera, dinâmica e fugaz. Enquanto a televisão está constantemente ligada no hospital em que o narrador está internado, temos, também, a exposição de seu sentimento de abandono e invisibilidade: “É desagradável ser abandonado assim, falando com o teto” (BUARQUE, 2009, p. 14), lamenta o narrador. Segundo Benjamin, a demasiada informação do mundo moderno culmina na saciedade e na exaustão do homem, opondo-se ao convívio e à produção simples e artesanal da narrativa.

Em oposição ao entrelaçamento de histórias ao modo de uma fermentação ou tessitura no tempo desapressado da convivência cerceada em ambientes de produção artesanal, por exemplo, temos a momentaneidade de informações da cidade moderna, em velocidade e quantidade a desafiar a própria percepção, caracterizando o que Benjamin chamou de experiência do choque (*Chokerlebnis*). (HARTMANN, 2015, p. 15-16).

Outro relevante fenômeno apontado por Benjamin como motivador do declínio da narrativa é a perda da onipresença da morte na consciência coletiva. O filósofo menciona que, a partir do século XIX, com a criação de “instituições higiênicas”, a ideia da morte passou a ser afastada por parte da sociedade burguesa: os mortos passaram a ser expulsos do universo dos vivos. Segundo o autor,

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo acelera-se em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as medidas higiênicas e sociais privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era

altamente exemplar: pense-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é expulsa para cada vez mais longe do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém. [...] Hoje, os burgueses, inquilinos de primeira hora da eternidade, vivem em espaços depurados da morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. Ora, é no moribundo que não apenas o saber e a sabedoria do homem, mas sobretudo da vida vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. (BENJAMIN, 2012, p. 223-224).

Encontramos, em *Leite Derramado*, mais uma característica relacionada à supressão da narrativa: Eulálio é um exemplo do fenômeno a que Benjamin faz referência – foi “depositado”, aos 100 anos de idade, em um hospital. Toda a sabedoria do homem, no momento da morte, não dialoga mais com o mundo dos vivos, como aponta o filósofo. Este fenômeno acontece com Eulálio, que, abandonado e próximo à morte, não possui autoridade na narrativa: suas histórias são contadas, como visto, em forma de monólogo a vários ouvintes, sem nenhuma interação. Esta expulsão dos mortos do universo dos vivos é, inclusive, evidente nas histórias de Eulálio, quando o narrador relata, em uma de suas diversas versões para explicar o paradeiro de Matilde, o estranhamento da filha em relação ao fato de morar na casa onde a mãe teria morrido:

Já na adolescência considerava muito jeca isso de casa com quintal, invejava as colegas que se mudavam para os edifícios modernos do bairro, com fachadas de mármore em art déco. E inclusive eu acho muito macabro, dizia ela, morar na casa onde mamãe morreu. (BUARQUE, 2009, p. 38).

Nesse sentido, o desconforto apontado por Eulálio devido ao abandono e o sentimento de que os velhos não possuem espaço na sociedade estão presentes em todo o seu monólogo. Temos, em *Leite Derramado*, a ilustração desta situação, na medida em que o leito de morte do narrador está localizado em um hospital. Ele não possui, ademais, credibilidade alguma perante a sociedade: foi internado à força pela sua filha e sentiu-se isolado, desconsiderado, invisibilizado.

Outro autor empenhado em compreender as transformações resultantes do advento das sociedades modernas é Stuart Hall, que no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, teoriza sobre o declínio das velhas identidades que tanto estabilizaram o mundo social. Hall escreve posteriormente a Benjamin e foca sua discussão no descentramento do sujeito moderno. Para embasar sua hipótese, o autor distingue 3 concepções diferentes de identidade:

o sujeito do iluminismo – centrado, unificado, dotado de capacidade de razão –, o sujeito sociológico – cuja identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade – e, por fim, o sujeito pós-moderno, desprovido de identidade consistente (HALL, 2005, p. 10-12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (HALL, 2005, p. 9).

Assim como Benjamin, Hall preocupa-se – ainda que não no mesmo contexto – em debater questões resultantes das mudanças sociais que transformaram as sociedades modernas no século XX. Enquanto Benjamin foca na questão da escassez da experiência e no declínio da narrativa, Hall concentra-se no princípio de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13). Este aspecto está diretamente relacionado com o caráter da mudança na modernidade tardia, em particular com o processo conhecido como “globalização”. Nesse sentido, segundo o autor, diferentemente das sociedades tradicionais – em que o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações –, a modernidade é definida não apenas como a “experiência de convivência na mudança rápida, abrangente, e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2005, p. 15). Há, em decorrência deste caráter de transmutação na modernidade, o exame constante das práticas sociais, reformadas à luz das informações recebidas. Em suma, para o teórico, identidades já não são mais unificadas e coerentes: encontram-se, no sujeito moderno, identidades contraditórias que estão sendo continuamente deslocadas.

Valendo-nos desta pressuposição de Hall, podemos refletir acerca da estrutura identitária de Eulálio, cujas memórias, como vimos, são confusas e fragmentadas. O narrador, em meio aos devaneios, parece ter perdido sua biografia, sua identificação. Sente-se confuso e prossegue, em determinados momentos, discursando como uma pessoa rica, a despeito da situação deplorável em que se encontra:

tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela

moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensando salamaleques, odeio intimidades, exijo atendimento neutro, profissional. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem mamãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados. Porque quando a babá sai de folga é sempre o tal negócio, ninguém tem paciência comigo. Mas estou com fome e sou capaz de ficar batendo com a cabeça na parede até me servirem a sobremesa. E quando meu pai perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nesta casa me dão porrada quase todo dia. Vou contar em francês, para ficar todo mundo com cara de imbecil e ninguém me contestar. Papai não admite que alguém encoste no filho, fora ele e mamãe. (BUARQUE, 2009, p. 32).

O narrador, aqui, demonstra sua identidade instável e fragmentada – se sente rico e fala como se estivesse vivenciando a infância. Compreendemos este deslocamento de identidade como consequência não apenas do declínio da família Assumpção na sociedade brasileira, nem apenas ligada à velhice e senilidade de Eulálio. Esta situação resulta, também, de uma conjuntura da época moderna – que trouxe o sentimento de abandono e invisibilidade de Eulálio; o empobrecimento da experiência e a extinção da narrativa, de acordo com Benjamin; e o descentramento do sujeito, conforme teorizado por Hall. As confusões de Eulálio relacionam-se, assim, à contraditoriedade da identidade, atributo intrínseco ao contexto em que vive o narrador.

Nesse sentido, empregamos, visando à compreensão de *Leite Derramado* como uma obra que vai além de uma exposição simplista acerca das memórias fragmentadas e da senilidade do protagonista, as teorizações aqui abordadas para consumir uma percepção central de nossa análise: compreendemos que se trata de uma obra que carrega uma reflexão sobre uma característica relacionada à essência frenética da modernidade, que ocasiona o declínio da experiência, o declínio da narrativa e o descentramento do sujeito. Acreditamos que as lembranças desconexas de Eulálio são decorrentes não apenas de sua idade avançada e da mudança social a que o narrador foi submetido com a perda de prestígio de sua família, mas são consequência, também, dos fenômenos ligados à ascensão da modernidade e apontados por Walter Benjamin e Stuart Hall.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optamos, em nossa análise, por apresentar um diálogo da obra *Leite Derramado* com teóricos que visualizam as profundas mudanças ocorridas com o advento da modernidade.

Apresentamos, assim, como Walter Benjamin compreende que o século XX trouxe abalos ao homem no que diz respeito à incapacidade de trocar experiências e, como consequência, na irremediável perda da arte de narrar. Vimos de que modo questões ligadas ao surgimento do romance, ao desenvolvimento da técnica e às experiências desmoralizantes da guerra constituem-se, para Benjamin, fenômenos substanciais no prognóstico da desorientação do homem. Nesse sentido, a função de interiorização do romance e a difusão da informação – efêmera e fugaz – opõem-se ao sentido prático da verdadeira narrativa. Reconhecemos, também, a expulsão dos mortos do universo do mundo dos vivos como uma questão importante na análise de Benjamin, que dialoga diretamente com a obra aqui abordada.

Outro aporte teórico empregado em nossa análise foi a fundamentação de Stuart Hall, cuja principal argumentação está na ideia de perda de identidade do homem e do descentramento do sujeito. Como vimos, Hall é simpático à afirmação de que as identidades, a partir da modernidade, estão sendo deslocadas e fragmentadas. Embora Hall escreva em momento posterior a Benjamin, podemos afirmar que ambos constatarem que importantes mudanças foram sobrepostas ao homem pela ascensão da modernidade.

Nesse sentido, analisando a obra *Leite Derramado* a partir das contribuições de Benjamin e Hall, verificamos que as características de Eulálio são evidentes no que diz respeito ao fim da narrativa. Como visto, o narrador de *Leite Derramado* possui uma fala confusa e ininterrupta, lamentando-se constantemente de seu estado de saúde e de sua condição social. Outra característica primordial para a compreensão desta associação com a tese de Benjamin encontra-se no fato de que Eulálio é um homem desprovido de sabedoria, não elabora conselhos e vive em um ambiente hospitalar isolado e impessoal. Essas características fundamentam a teoria que Benjamin defende, segundo a qual a narrativa está irremediavelmente perdida em decorrência da inexistência de uma relação artesanal em sua criação, cujo respaldo está na experiência e no contato. Eulálio não possui autoridade alguma em seus relatos – pelo contrário, parece ser constantemente ignorado na obra. Este descaso com o centenário protagonista da obra que estamos estudando leva à reflexão acerca dos fatores mencionados por Benjamin como responsáveis pelo declínio da experiência e da narrativa.

Além deste diálogo com as pressuposições de Benjamin, concluímos que a instabilidade identitária de Eulálio decorre das questões ligadas à sua mudança social, ao seu abandono e à sua invisibilidade. A esses fatores acrescentamos o descentramento do sujeito – desinente da ascensão da modernidade e de suas características de aceleração, excesso de informação e globalização – sustentado por Hall.

Assim, compreendemos que a obra *Leite Derramado*, além de intencionar uma atenção a questões relacionadas à memória, à situação do idoso e à temática social de uma família tradicional na conjuntura brasileira do século XX – questões tão comumente analisadas em estudos da obra –, pretendeu, também, elaborar uma reflexão acerca de natureza da modernidade. Encontramos, nos devaneios de Eulálio, sinais da ruína da experiência, da devastação da narrativa e do descentramento identitário, os quais conectam-se com a ideia de transformações e paradoxos da sociedade moderna. Portanto, a constante divagação de Eulálio seria, além de influenciada por sua condição senil, sintoma de uma sociedade que se transformou.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. Portugal: Dom Quixote, 2009.

EWALD, Felipe Grune. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008. ISSN 1981-4526. Disponível: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5994/4525> Acesso: 16 jul. 2018.

GIANNETTI, Eduardo. A vida desde o fim. **Folha de São Paulo**, 28 mar. 2009. Disponível: http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_fsp_giannetti.htm. Acesso: 18 dez. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTMANN, Sara. Walter Benjamin e Paul Ricoeur: narração e experiência por vir. **Cadernos Benjaminianos**, [S.l.], n. 9, p. 13-23, out. 2015. ISSN 2179-8478. Disponível: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/8598/8495>. Acesso: 16 jul. 2018.

OLIVEIRA, Francine. A narrativa e a experiência em Walter Benjamin. In: CONGRESSO LUSOCOM, 8, 2009, Lisboa. **Anais**. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona, 2009. Disponível: <http://lucioteles.com.br/wp-content/uploads/2017/08/experiencia-e-narrativa.pdf>. Acesso: 16 jul. 2018.

PENNA, Tiago. A Nova Barbárie Segundo Benjamin. In: **IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural**: diálogos de gerações, 2009, Campina Grande, PB. Disponível: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/publicacaoonline/literaturaecienciashumanas/22.pdf>. Acesso: 16 jul. 2018.

*Recebido: 20/12/2019
Aprovado: 16/04/2020*